

A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM SURDOS: UMA “ESCUTA” DOS PSICANALISTAS¹

PSYCHOANALYTIC CLINIC WITH THE DEAF: A "LISTENING" FROM PSYCHOANALYSTS

CLÍNICA PSICOANALÍTICA CON PERSONAS SORDAS: UNA "ESCUCHA" DE LOS PSICOANALISTAS

Lílian Cordeiro Maciel¹
Jacson Baldoino Silva²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o atendimento psicanalítico de pessoas surdas por meio da escuta de psicanalistas, visando perceber como eles têm trabalhado em sua prática clínica com este público, uma vez que o material inconsciente interpretado na psicanálise acontece pela oralização e, no caso dos surdos, pelos sinais. Esta pesquisa demonstra, a partir do resultado de uma pesquisa qualiquantitativa (BOAVENTURA, 2004), que teve como dispositivo metodológico o questionário misto, aplicado via Google Formulário, que há uma ausência, na formação dos analistas, de discussões sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o atendimento de pessoas surdas. Se, na psicanálise, a palavra constitui o meio de acesso do sujeito ao seu sintoma – como um significante (LACAN, 1988, 1998a, 1998b, 1998c) – e, assim, o único meio de tratamento e a interpretação dos analistas é o sustento clínico do processo de análise, faz-se necessário que se introduza no processo de formação de novos analistas tópicos de gramática/linguagem (LACAN, 1998c; SOLÉ, 2005) sobre a Libras, pois as interpretações nessa língua se dão via outra modalidade de produção e compreensão das informações.

Palavras-chave: psicanálise; surdez; formação do analista; Libras.

ABSTRACT

This article aims to analyze the psychoanalytic treatment of deaf individuals through the listening of psychoanalysts, seeking to understand how they have been working in their clinical practice with this audience, considering that the unconscious material interpreted in psychoanalysis occurs through oralization and, in the case of the deaf, through signs. This research demonstrates, based on the results of a qualitative and quantitative study (BOAVENTURA, 2004), which used a mixed questionnaire as the methodological device, applied via Google Form, that there is an absence in the training of analysts of discussions about Libras (Brazilian Sign Language) and the treatment of deaf individuals. Since, in psychoanalysis, words constitute the means of access for the subject to their symptom – as signifiers (LACAN, 1988, 1998a, 1998b, 1998c) – and, therefore, the only means of treatment and interpretation for analysts are the clinical support of the analysis process, it is necessary to introduce topics of grammar/language (LACAN, 1998c; SOLÉ, 2005) about Libras into the

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade da Região Sisaleira e membro do Grupo de Pesquisa em Língua Portuguesa e Libras (UNEB). E-mail: lilian.maciел@faresi.edu.br.

² Doutorando em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS) e membro do Grupo de Pesquisa em Língua Portuguesa e Libras (UNEB). E-mail: jacsonsilva@outlook.com.



training process of new analysts, as interpretations in this language occur through another medium.

Keywords: psychoanalysis; deafness; analyst training; libras; grammar.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar el tratamiento psicoanalítico de personas sordas a través de la escucha de psicoanalistas, buscando comprender cómo han estado trabajando en su práctica clínica con esta audiencia, considerando que el material inconsciente interpretado en psicoanálisis ocurre a través de la oralización y, en el caso de las personas sordas, a través de señales. Esta investigación demuestra, basada en los resultados de un estudio cualitativo y cuantitativo (BOAVENTURA, 2004), que utilizó un cuestionario mixto como dispositivo metodológico, aplicado a través de Google Form, que existe una ausencia en la formación de los analistas de discusiones sobre la Lengua de Señas Brasileña (Libras) y el tratamiento de personas sordas. Dado que, en psicoanálisis, las palabras constituyen el medio de acceso del sujeto a su síntoma - como significantes (LACAN, 1988, 1998a, 1998b, 1998c) - y, por lo tanto, el único medio de tratamiento e interpretación para los analistas es el apoyo clínico del proceso de análisis, es necesario introducir temas de gramática/lenguaje (LACAN, 1998c; SOLÉ, 2005) sobre Libras en el proceso de formación de nuevos analistas, ya que las interpretaciones en este lenguaje ocurren a través de otro soporte.

Palabras clave: psicoanálisis; sordera; formación de analistas; lengua de señas brasileña; gramática.

INTRODUÇÃO

O analista, a partir do manejo da transferência, alcança para o analisando um lugar de representação simbólica – “sujeito suposto saber”, para Lacan (2022²) – em seu processo de análise. Na psicanálise, a palavra constitui o meio de acesso do sujeito ao seu sintoma – como um significante (LACAN, 1988, 1998b, 1998c) – e, assim, o único meio de tratamento. É pelo dito que o analista acessa o não-dito do analisando, em outras palavras, o que não foi verbalizado, signos que constituem sua estrutura profunda (leia-se “inconsciente”). A título de esclarecimento, as expressões dito/não-dito serão mantidas apenas por serem bastante utilizadas na literatura, mas é preciso que sejam revistas e/ou ampliadas, considerando-se que há também o sinalizado/não-sinalizado pelas pessoas surdas.

Através deste material – a palavra e, no caso de pessoas surdas, o sinal – o analisando consegue trazer para a consciência uma nova forma de recontar sua história, construindo um novo sentido para aquilo que o incomoda, pois, na concepção de Lacan (2009), a reconstituição da história do sujeito é essencial, constitutivo e estrutura uma análise, importando não o revivido exato, mas a reconstrução que é feita em análise, “o termo que ele [o sujeito] emprega até o fim” (LACAN, 2009, p. 24).



A ideia de uma mudança do próprio sofrimento por meio da palavra não exclui a possibilidade de que o sujeito sofra também por outras razões que estão para além de sua palavra, pois, como questiona Safatle (2019) – na introdução à “História da Loucura” (FOUCAULT, 2019) –, “por que não se perguntar como tais processos sociais nos fazem sofrer, como eles podem estar na base das reações que irão levar sujeitos a hospitais psiquiátricos e consultórios?” (SAFATLE, 2019, p. X).

A concepção de “sujeito” na psicanálise lacaniana é uma das mais difíceis de se compreender, pois ela perpassa toda a teoria desenvolvida pelo psicanalista francês, exigindo, uma vasta compreensão de sua obra. Entretanto, como não é objetivo deste trabalho, é suficiente entender que, na teoria lacaniana, o sujeito quer evidenciar que aquilo que se é não coincide com o “eu” – o “penso” racional de Descartes – mas é exatamente o que esse “eu” não consegue “pensar”. Lacan (1998a), portanto, resgata a subjetividade inconsciente, colocando-a no centro da constituição do sujeito e, para isso, o psicanalista francês vira do avesso o sujeito cartesiano, mostrando que a crença de um sujeito senhor de si é, na verdade, utópica, pois, como já disse Freud, o “eu” não é senhor de sua casa (FREUD, 1996a). Dessa forma, “a promoção da consciência como essencial ao sujeito na consequência histórica do *cogito* cartesiano, é para nós a acentuação enganosa da transparência do eu como ato, à custa da opacidade do significante que o determina” (LACAN, 1998a, p. 824).

Lacan (1998a) provoca uma ruptura entre o pensar cartesiano e o existir, para ele o sujeito precisa falar sobre o seu desejo para que na e pela linguagem, como manifestação do inconsciente, se constitua enquanto tal, pois, “se conduzimos o sujeito a algum lugar, é a uma decifração que já pressupõe no inconsciente” (LACAN, 1998a, p.810). O sujeito, portanto, não pode ser confundido com o indivíduo (LACAN, 1985), o sujeito na psicanálise é sempre “sujeito do inconsciente”, um sujeito que se constitui pela falta e é um “sujeito desconhecido do eu, não reconhecido pelo eu” (LACAN, 1985, p. 61) e que está sempre escorregando numa cadeia de significantes (JORGE; FERREIRA, 2005) e buscando sempre reencontrar a totalidade do objeto perdido (LACAN, 1985).

A noção de “sujeito” sempre aponta para a linguagem, para uma possibilidade de elaborar uma nova forma de contar seu sintoma ou seu incômodo (LACAN, 2009), de dizer/sinalizar sobre si mesmo; mas é necessário não excluir o social (SAFATLE, 2019; FOUCAULT, 2019). A palavra dita e o sinal sinalizado guardam uma infinidade



de possibilidades, um baú cheio de coisas não expressas; seus conteúdos internos começam a tomar forma a partir do que o sujeito faz de seu sintoma.

Através do não-dito pelo dito, pode-se olhar o material verbalizado/sinalizado sob a ótica do uso de um significante que pode ter vários significados, se baseando na ideia de Saussure (2006) de que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. Em outras palavras, em razão dessa arbitrariedade, na análise, o sujeito reordena o seu sintoma, dando-lhe novos significados através das palavras enunciadas e dos sinais sinalizados. E, se o homem nasce da e na simbolização – porquanto “o homem fala então, mas é porque o símbolo o fez homem” (LACAN, 1998b, p. 141), é preciso compreender que, o processo do simbolizar, guarda alguma coisa de motivado entre o significante e a coisa a que se refere (o significado), como indicou Saussure (2006, p. 109), “o símbolo tem como característica não ser jamais completamente arbitrário”. Émile Benveniste (1988, 1989), desenvolvendo o princípio da arbitrariedade saussuriana dentro da teoria da enunciação, demonstra que, para aquele que enuncia, há entre significado e significante algum elo que não é arbitrário.

Contudo, a teoria lacaniana do significante se desenvolve com referências apenas voltadas à fala, compreendida como um fenômeno linguístico oral. Desconhece-se, dentro do ensino de Lacan, alguma referência ou desenvolvimento teórico sobre o manejo de analisandos surdos.

Françoise Dolto (2018), sua discípula dissidente, comenta sobre o atendimento de uma criança surda-muda, mas não tece amplos comentários que permitam compreender o trabalho desenvolvido com esta analisanda por também não ser algo tão comum na sua clínica, esta situação exemplifica que a terminologia lacaniana sempre se referirá à fala/oralidade. No entanto, pensa-se que, com as devidas adaptações – fazendo-se necessárias futuras reformulações –, essa teoria pode ser aplicada ao atendimento de surdos (SOLÉ, 2005), na ausência de uma teoria psicanalítica voltada para a interpretação de um significante sinalizado.

É preciso reconhecer que analisandos surdos expressam o dito através de sua língua de sinais – no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras)³ – sendo assim, o analista terá acesso ao material inconsciente por meio da sinalização e deverá manejar esse material, mesmo não tendo Libras como sua língua materna (SOLÉ, 2005). Em uma análise, faz-se necessário “ouvir” o sujeito por meio do dito/sinalizado, seus *insights* e atos falhos através de material exposto pela própria pessoa, por isso a



necessidade de que o analista seja fluente em Libras, uma vez que a intermediação de um processo de análise por um terceiro, o intérprete de Libras, pode comprometer o manejo da transferência e as intervenções do analista (SOLÉ, 2005). Por exemplo, um ato falho do analisando surdo pode ser corrigido, porque o intérprete poderá perguntar se ele quis dizer isso ou aquilo; se ele estiver abordando sobre seu casamento e sinalizar “meu pai”, provavelmente, antes de o intérprete traduzir para o analista, perguntará se é “meu pai” ou “meu marido”, o que fará o analisando corrigir seu ato falho. Esse é um exemplo apenas ilustrativo e admite-se o problema desse tipo de ilustração, visto que há outras questões que precisam ser levadas em consideração como a ética do intérprete em um processo tão subjetivo.

Reconhecendo que também o inconsciente dos surdos se estrutura pela “linguagem”⁴ de sinais – uma vez que, não podemos viver sem ela (LACAN, 1998b; DOLTO, 2018), o caminhar desta pesquisa será de forma fluida e crítico-reflexiva, utilizando-se de bases teóricas do ensino lacaniano (LACAN, 1998a, 1998b, 1998c, 1998d) e suas releituras dos textos freudianos – em razão do seu diálogo com a linguística. Portanto, diante do exposto, faz-se necessário pensar: Como se dá o atendimento e manejo de analisando surdo, em um divã, pensando a interpretação do analista como sustento clínico do processo de análise?

Este trabalho é relevante pelas poucas pesquisas sobre o tema, além de acrescer no que diz respeito à valorização e estudo das teorias e manejos clínicos, sendo de suma importância estudos focais para a área da surdez sob a ótica da psicanálise (SOLÉ, 2005), porque amplia cada vez mais o acesso à clínica psicanalítica, pensando em uma análise que alcance o surdo – que não se desenvolve a partir da fala falada, mas de uma língua de sinais.

Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa se justifica também pela trajetória, enquanto pesquisadora, da autora principal deste trabalho (MACIEL, 2019a, 2019b). Entretanto, a justificativa do desenvolvimento deste trabalho é também pessoal, em razão do contexto familiar da autora que tem uma irmã surda e já experimentou de perto as lágrimas, os preconceitos e as barreiras que esses sujeitos enfrentam, bem como vivenciou uma escuta psicológica com a presença de terceiros, já que atuou como intérprete em um atendimento psicológico de sua irmã. Além disso, no desenvolvimento de sua profissão como intérprete de Libras, por diversas vezes escutou de surdos o constrangimento de um terceiro na sua sessão de terapia. Sua presença na sessão de sua irmã se deu pela razão da psicóloga não dominar a Libras.

As sensações de estar escutando as dores da irmã e intermediar seus sinais para o entendimento com a psicóloga, causou um constrangimento de todas as partes ali presentes. Esse evento se tornou um marco histórico, visto que a pesquisadora se sentiu como uma mediadora da subjetividade do outro – algo impossível do ponto de vista clínico perpassando a conduta e os silêncios do atendimento. A partir daí, e ao cursar Psicologia, interessando-se pelas leituras psicanalíticas, a autora deste trabalho começou a se interrogar sobre a necessidade de ofertar uma escuta qualificada adequada, acessível e de resguardar a dignidade, a privacidade e a fidedignidade do que é dito/sinalizado e escutado/interpretado, além, claro, das próprias questões do manejo clínico do signo linguístico (o dito) sob a perspectiva de Lacan (1998b, 1998c).

Este artigo se desenvolve, portanto, a partir da inquietação sobre o atendimento psicanalítico de pessoas surdas e como os psicanalistas têm trabalhado na teoria e na clínica, uma vez que os conceitos nessa área se desenvolvem a partir do oral e não do sinalizado. Assim, esta pesquisa mapeia o atendimento de surdos, pensado através da palavra sinalizada, por analistas de diversas abordagens teóricas.

Inicialmente, a proposta era abranger os Fóruns do Campo Lacaniano de Salvador, Aracaju e Fortaleza, membros da região nordeste da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-BRASIL) em razão da localização da instituição na qual a pesquisa se desenvolveu. Eles foram contactados por e-mail, no qual se explicou os objetivos da pesquisa, bem como a instituição à qual se vinculava e os responsáveis por ela (pesquisadora e orientador – autores deste trabalho). Nesse e-mail, foi disponibilizado o link do “Google Formulário”, pedindo-se que fosse compartilhado com os membros dos fóruns, que, segundo o site da EPFCL (EPFCL-BRASIL, 2022), eram de 51 psicanalistas. Contudo, os coordenadores desses fóruns não retornaram o e-mail enviado, nem houve nenhuma resposta ao formulário após 8 dias. Diante disso, a pesquisa foi aberta para outros analistas que se colocaram à disposição; mas, diante disso, ressoa a pergunta: a falta de resposta do e-mail enviado se deu por problemas técnicos ou teórico-clínicos? O que o não-dito, nesse caso, comunica?

A metodologia de pesquisa escolhida foi qualiquantitativa (BOAVENTURA, 2004) baseando-se em questionários mistos (BOAVENTURA, 2004) aplicados à psicanalistas no formato *on-line* através do Google Formulário, para pensar seu processo formativo e algumas questões de sua trajetória clínica. O questionário foi encaminhado aos psicanalistas por meio de contato pessoal e grupos de *WhatsApp* sobre psicanálise,



deixando-os livres para responderem ou não; após o contato inicial, o formulário ficou disponível por 20 dias, depois teve que ser suspenso para tratamento dos dados.

A PSICANÁLISE LACANIANA E A LINGUAGEM

O inconsciente psíquico é uma das grandes descobertas e a “ferramenta” da psicanálise, é através do material inconsciente que o analisando traz para a consciência e elabora seus sintomas, até então, inexplicados. Freud (1996b), em seu artigo “O Inconsciente”, apresenta a legitimação de sua teoria:

[...] a suposição do inconsciente é necessária e legítima, e que possuímos várias provas da existência do inconsciente. Ela é necessária porque os dados da consciência têm muitas lacunas; tanto em pessoas sadias como em doentes verificam-se com frequência atos psíquicos que pressupõem, para sua explicação, outros atos, de que a consciência não dá testemunho. Esses atos não são apenas as ações falhas e os sonhos dos indivíduos sadios, e tudo o que é chamado de sintomas e fenômenos obsessivos na psique dos doentes — nossa experiência cotidiana mais pessoal nos familiariza com pensamentos espontâneos cuja origem não conhecemos, e com resultados intelectuais cuja elaboração permanece oculta para nós (FREUD, 1996b, p.75-76).

Freud (1996b) aponta para o fato de que há uma realidade no sujeito que não consegue ser explicada pela razão ou, como diria Lacan (2009, p. 12), “a descoberta de Freud é a redescoberta, num terreno não cultivado, da razão”. Se Descartes afirmou “Penso, logo existo”, a psicanálise mostra que se existe também “onde” não se pensa, e por isso Lacan (2022) inverte o *cogito* cartesiano, afirmando que o sujeito pensa também onde não é. Foi a partir dos traçados de Freud sobre o inconsciente que sintomas inexplicados passaram a fazer sentido, dentro do campo de uma análise, entrando nas lacunas dos dados da consciência para alcançar as profundezas do material recalado e o entendimento para atos até então imotivados.

Dessa forma, para a psicanálise, é através da palavra que o sujeito elabora seu sintoma causador de suas angústias. Comentando a teoria freudiana, Zizek (2010) pontua que o desenvolvimento de um sintoma é a produção de uma mensagem codificada sobre os segredos mais íntimos, desejos e traumas inconscientes do sujeito. Essa mensagem codificada chega até o analista através da associação do analisando. A esse respeito, Machado (2013, p. 22), comentando as conferências introdutórias de Freud, coloca que “entre o analista e o analisando não ocorre nada além de uma troca



de palavras, sendo a própria análise em si um processo que permite o enlaçamento entre a história de um sujeito e suas determinações inconscientes” (MACHADO, 2013).

Em uma parte do seu ensino, Jacques Lacan propõe um retorno à Freud por entender que havia uma confusão radical na psicanálise que atingia tanto o campo teórico quanto o clínico – como uma consequência:

Não sei a maioria de vocês – uma parte pelo menos, eu espero – tomou consciência do seguinte. Quando, neste instante – eu falo de agora, 1954 [...] – se observa a maneira pela qual os diversos praticantes da análise pensam, exprimem, concebem sua técnica, dizemo-nos que as coisas estão num ponto a que não é exagerado chamar de confusão mais radical (LACAN, 2009, p. 19-20).

Nesse momento da psicanálise, existiam formulações que eram muito contraditórias, pois se havia abandonado aos poucos muitos conceitos freudianos e apoiava-se apenas no “parapeito de algum pedaço da elaboração teórica de Freud” (LACAN, 2009, p. 20). Exemplo disso é o desenvolvimento de uma “psicologia do ego”, dentro da psicanálise, que teve como uma de suas representantes a Anna Freud (1968) e que priorizava o fortalecimento do *ego* e não a investigação do *id* – o inconsciente.

Para Lacan, o conceito de inconsciente, pensado em sua manifestação na consciência, só adquire sentido pleno ao se orientar dentro da estrutura de linguagem se ordenado na função da fala. No texto “Em função e o campo da fala e da linguagem em psicanálise”, Lacan (1998b) reflete a necessidade do analista, antes da aplicação dos conceitos psicanalíticos, um conhecimento sobre a estrutura na linguagem:

[...] Afirmamos, quanto a nós, que a técnica não pode ser compreendida nem corretamente aplicada, portanto, quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam. Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala (LACAN, 1998b, p. 247).

Com base neste escrito, cabe refletir a importância do conhecimento da base linguística, proposto por Lacan, para uma análise mais fidedigna e próxima do contato com o material inconsciente do analisando, devendo-se escutar o sujeito em sua forma singular de manifestação inconsciente, através da sua subjetividade, via externalização da/pela linguagem.

Freud, ao propor um método de associação livre, evidencia que a fala (a linguagem) é uma forma de acesso ao material recaiado. No seu estudo sobre os chistes,



lapsos e atos falhos, essa realidade da fala como produto de um inconsciente se torna mais visível (FREUD, 1996c). Por sua vez, em seu retorno a Freud, Lacan pontua que o material recalçado, ou seja, o inconsciente, “é estruturado como um fenômeno de linguagem” (LACAN, 1988, p. 77). Com isso se quer dizer que o sintoma de uma doença é, na verdade, um segredo revelado através de uma mensagem codificada (ZIZEK, 2010). Ou seja, para Lacan:

O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem. E não somente o significante desempenha ali um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental. O que com efeito caracteriza a linguagem é o sistema do significante como tal. O jogo complexo do significante e do significado coloca questões à beira das quais nos mantemos, porque não fazemos aqui um curso de linguística, mas vocês entreviram sobre isso bastante até aqui para saber que a relação do significante e do significado está longe de ser, como se diz na teoria dos conjuntos, biunívoca (LACAN, 1988a, p. 139).

A psicanálise lacaniana introduziu, em suas bases teóricas, o fenômeno linguístico, a partir da compreensão do estruturalismo de Saussure (2006), a partir da relação entre significante e significado. Chegando mesmo a incluir a gramática como uma das disciplinas essenciais na formação do psicanalista (LACAN, 1998b); reconduzindo, com isso, a experiência da psicanálise à fala e à linguagem (LACAN, 1998b).

Em “Função e o campo da fala e da linguagem em psicanálise” (LACAN, 1998b), texto de 1953 que discute a interconexão entre linguagem e inconsciente, o autor apresenta o inconsciente como a parte do discurso concreto “transindividual”, que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente. Dentro da experiência analítica, Lacan (1998b) enuncia que é no divã que o analisando permite ao analista a escuta e interpretação do material psíquico. Pensando esta relação apenas entre analisando e analista, no *setting* analítico, sem a presença de outros ouvidos, “[...]não existem outros, nem terceiro nem quarto ouvidos, para uma transaudição - que se pretenderia direta – do inconsciente pelo inconsciente, bem como a atenção ao elemento crucial de uma análise, a fala” (LACAN, 1998b, p. 255).

Lacan (1988) levanta a questão da relação que ocorre no divã, da relação direta do inconsciente pelo inconsciente e a sua chegada à escuta do analista, que se dá pela fala/sinalização e a função desta em análise é percebida de maneira fulcral e como essa



escuta é permeada, pensando que o trabalho do analista consiste em suspender as certezas do sujeito até que findem e este movimento é possível através da exposição do discurso pelo analisando, bem como da escuta e interpretação pelo analista. Conforme Lacan (1988, p. 253),

[...] a arte do analista deve consistir em suspender as certezas do sujeito, até que se consumem suas últimas miragens. E é no discurso que deve escandir-se a resolução delas. Ainda que esse discurso, com efeito, pareça meio vazio, isso só acontece quando se o toma por seu valor aparente: aquele que justifica a frase de Mallarmé, quando este compara o uso comum da linguagem com a troca de uma moeda cujo verso e anverso já não mostram senão figuras apagadas, e que é passada de mão em mão “em silêncio”. Essa metáfora basta para nos lembrar que a fala, mesmo no auge de sua usura, preserva seu valor de tésseira. Mesmo que não comunique nada, o discurso representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade; mesmo que se destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho.

Segundo o recorte acima citado, o discurso pode ser visto sob a ótica da existência de uma comunicação no *setting* analítico, independente de seu sentido, visto que é na exposição do dito/sinalizado que o sujeito coloca “sobre a mesa” a sua verdadeira verdade e é, a partir de suas miragens, que há presença de comunicação, fazendo acontecer o processo de análise.

As palavras têm total sentido em uma análise lacaniana, pois é em seu enunciado que se pode criar o significado da construção do mundo das coisas para o analisando. A concepção de Benveniste (1988, 1989), na enunciação a relação entre significado e significante é motivada; ou seja, “é o mundo das palavras que cria o mundo das coisas, inicialmente, confundidas no *hic et nunc* do todo em devir, dando um ser concreto à essência delas e dando lugar, por toda parte, àquilo que é desde sempre: *Kthéma es aei*” (LACAN, 1988, p. 277).

O diálogo com o material inconsciente do analisando ocorre por meio da exteriorização feita através da pronúncia/sinalização de seu discurso, trazendo sentido ao material expresso do indivíduo, apresentado como campo da realidade até então dita pelo sujeito:

Seus meios são os da fala, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real (LACAN, 1988, p. 259)

É na estrutura do discurso do sujeito, possuidor de seus significantes – inseparável do analisando, representando um sujeito para outro significante – que seus significados são trazidos para a escuta analítica.

A análise de pacientes surdos no divã é um campo rico e carente de pesquisa. Para pensar como aplicar as técnicas de análise do material inconsciente do aparelho psíquico no divã com surdos é preciso que o analista reconheça o ato falho pronunciado pela enunciação dos sinais proferidos pelas mãos e pense na sinalização e em interpretação como o momento chave na elaboração de uma análise e de um sintoma com analisantes surdos, e o mais importante caminho de acesso ao inconsciente do analisando por meio da Libras (SOLÉ, 2005).

É de extrema necessidade que o psicanalista saiba o idioma no qual o sujeito externaliza seu material inconsciente (SOLÉ, 2005), pois a linguagem é a matéria prima recebida de maneira bruta a ser lapidada. E considerando, como aponta Lacan (2009, p. 22), que “o progresso de Freud, sua descoberta, está na maneira de tomar um caso na sua singularidade”, é fundamental que se perceba que o manejo de uma análise com pessoas surdas se dá na singularidade das mãos, das expressões faciais e de outros elementos que constituem a Libras como um sistema linguístico⁵.

Acessar uma “escuta” na sinalização do surdo é algo de extrema coerência para o reconhecimento de um material verdadeiro, sem dúvidas. Em determinado momento, a autora deste trabalho ouviu o relato de um surdo que apontou a dificuldade na comunicação em um atendimento de psicoterapia⁶, a falta de fluência em Libras da profissional, bem como a confusão de informações e teve seu atendimento marcado por diversas pausas, para explicar o significado de um sinal – pelo fato de a profissional não saber Libras de maneira fluente – e só depois continuar sua sinalização, de maneira cortada, gerando a sensação de uma falta de entendimento.

Esta é uma questão séria e precisa ser levada de maneira crítica, o não entendimento de um sinal ou o entendimento equivocado fazem toda a diferença no atendimento deste público; pensando a partir do divã, com as leituras da psicanálise, a interpretação equivocada pode acarretar danos à vida do surdo, bem como a não elaboração de seu material inconsciente “posto à mesa” através de sua exposição sinalizada.

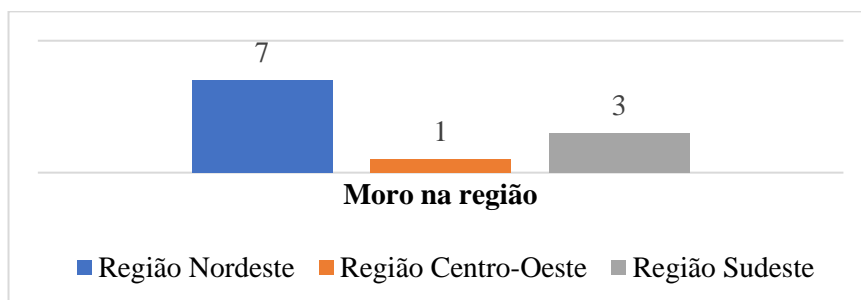
A PSICANÁLISE COM SURDOS: UM RECORTE

A psicanálise com surdos precisa ser olhada pelo seu espaço de sinalização, com um reconhecimento deste campo para uma fluência e fluidez no entendimento e, para além disso, um manejo clínico que trabalhe com o material sinalizado pelo próprio analisante e não interpretado/traduzido por um terceiro – como o intérprete ou com falhas na escuta por deficiência formativa.

Com base nesses fatores, este artigo se embasou na elaboração e tratamento de dados de um questionário⁷ composto por 12 perguntas tendo por objetivo, uma investigação sobre a formação do analista, questões relacionadas à área da surdez, o conhecimento do atendimento psicanalítico com pacientes surdos e a aplicação de técnicas de escuta e interpretação de surdos no divã. As questões de 01 a 05 visaram compreender o público entrevistado e as questões de 06 a 13 foram pensadas para uma avaliação do conhecimento dos participantes sobre o analisando surdo, a Libras, a formação do analista lacaniano e a prática das técnicas e do manejo de análise com pacientes surdos.

No total, 11 psicanalistas responderam ao formulário, sendo que desses 7 eram moradores da região nordeste, 1 da região centro-oeste e 3 da região sudeste. A maior participação de colaboradores da região nordeste pode ser consequência da localidade onde a pesquisadora reside, e, portanto, tem maiores contatos.

Gráfico 1: Região dos colaboradores da pesquisa



Fonte: Elaboração dos autores, 2024

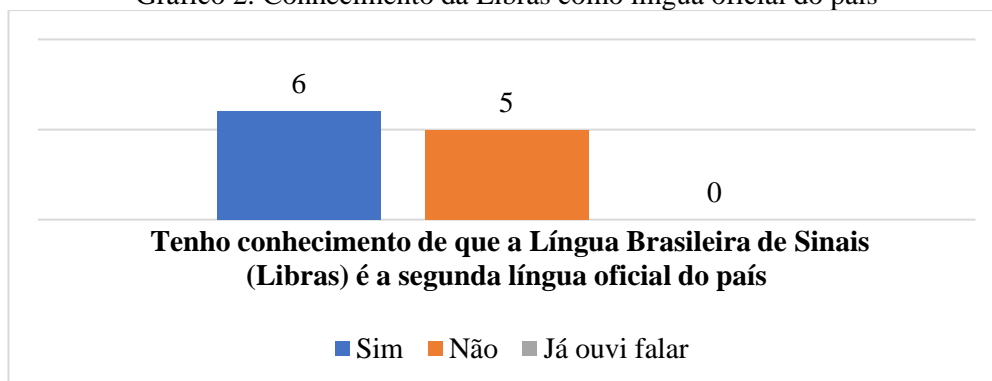
Quando perguntados sobre o conhecimento de que a Libras é a segunda língua oficial do país, 6 pessoas sabiam dessa informação e 5 ainda não tinham esse conhecimento, trazendo a ideia de que o conhecimento dessa língua e do seu



reconhecimento – o que traz implicações – precisam alcançar mais pessoas a cada dia para que, no tocante à psicanálise, se torne algo acessível e que interpele a teoria e a prática clínica para um tratamento do sinalizado – uma clínica de e com surdos.

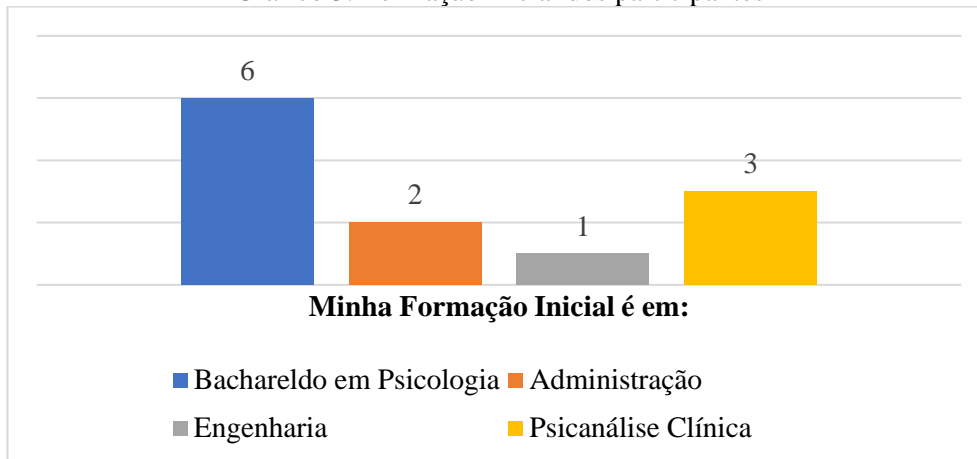
Contudo, essa porcentagem pode não evidenciar um dado real, tendo em vista dois fatores: i) a prática da psicanálise, partindo do princípio da análise leiga (FREUD, 1996d), não exige uma formação única – do ponto de vista de uma grade curricular estabelecida – o que faz com que os profissionais que exercem essa função venham de diversas áreas, como é o caso dos colaboradores que possuem formação inicial em Administração, Engenharia e Psicologia, e alguns desses cursos possuem a disciplina de Libras, com uma baixa carga horária, o que coloca em nível de igualdade o “sim” com o “já ouvi falar”; 2) os colaboradores não entenderam a pergunta sobre a formação inicial deles e muitos responderam “psicanálise clínica”, não permitindo um rastreamento da formação dos participantes; um participante respondeu “Psicanálise e Administração”, mostrando que não entendeu a expressão “formação inicial” e fazendo com que se tivesse 12 respostas em relação à formação inicial. No entanto, o curso de “psicanálise clínica” oferecido por algumas instituições não se constitui formação inicial tendo em vista a obrigatoriedade, em muitas delas, de uma formação superior; isso pode ter prejudicado os dados, uma vez que alguns dos colaboradores podem ter nível superior em alguma área que possua Libras na grade curricular.

Gráfico 2: Conhecimento da Libras como língua oficial do país



Fonte: Elaboração dos autores, 2024

Gráfico 3: Formação inicial dos participantes

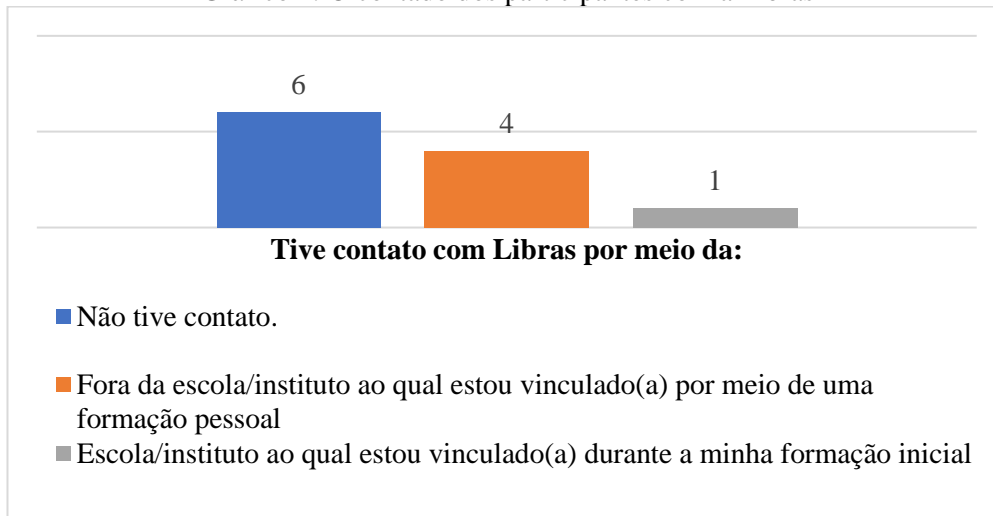


Fonte: Elaboração dos autores, 2024

No gráfico 3, do total de 11 colaboradores, 6 têm formação inicial em Bacharelado em Psicologia, 1 em psicanálise Clínica, 1 em Psicanálise, 1 em Engenharia, 1 em Psicanálise e Administração e 1 em Administração, o que denota a necessidade do contato com a estrutura linguística da língua em que o analisando expõe seu material psíquico, visto que o conhecimento da estrutura linguística do sinalizante é algo fulcral na fluência da interpretação.

As informações do gráfico 2 se inverteram quando os colaboradores foram interpelados sobre como se deu o contato deles com a Libras – conforme o gráfico 4, pois 6 afirmaram que não tiveram contato, 4 que tiveram contato fora da escola em sua formação pessoal e apenas 1 apontou a participação da instituição no seu contato com a Libras. Isso possivelmente mostra que os institutos/escolas de formação em psicanálise não incluem o estudo da língua na formação dos psicanalistas, mesmo sendo uma ciência da fala (LACAN, 1998c).

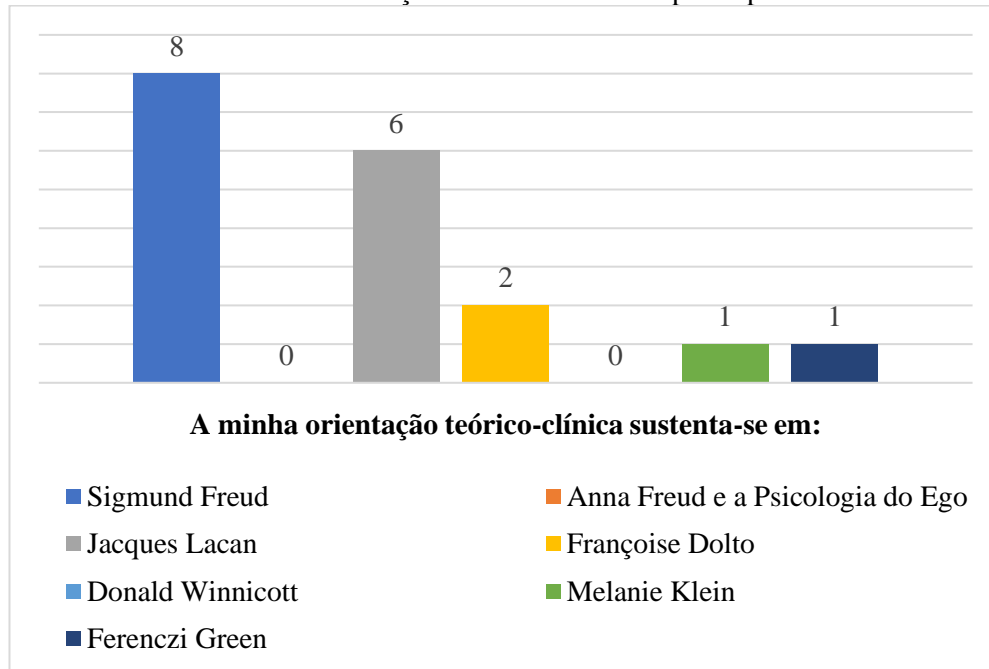
Gráfico 4: O contato dos participantes com a Libras



Fonte: Elaboração dos autores, 2024

Contudo, a ausência do estudo de Libras na formação desses analistas também pode ser consequência da orientação teórico-clínica dos colaboradores, pois nem todos são freudianos e/ou lacanianos:

Gráfico 5: Orientação teórico-clínica dos participantes⁸



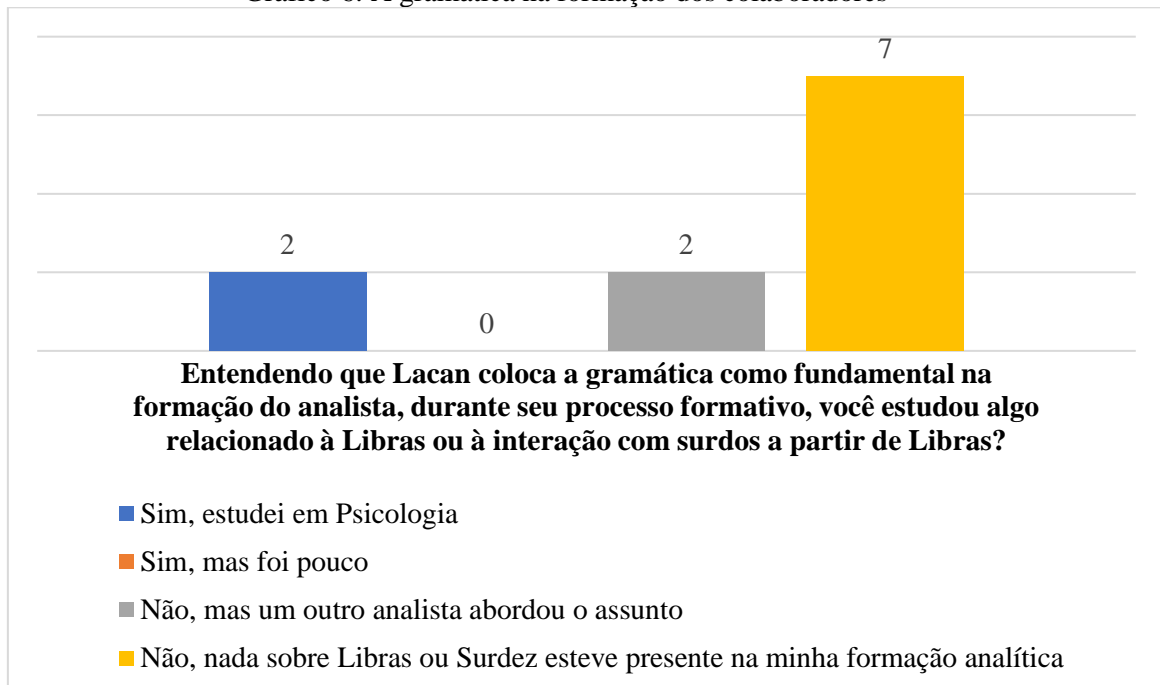
Fonte: Elaboração dos autores, 2024

Os dados sobre o conhecimento da Libras e a prática da psicanálise ficaram mais evidentes quando os colaboradores foram interpelados sobre a presença do estudo da



gramática na sua formação enquanto psicanalista, considerando que Lacan introduziu a *gramática* à “lista das disciplinas que Freud designava constituir as ciências anexas de uma ideal Faculdade de psicanálise” (LACAN, 1998c, p. 289). Lacan (1998c) coloca a gramática como fundamental na formação do analista e pensando nisso, durante o processo formativo dos entrevistados, percebeu-se uma ausência desse elemento, pois 07 pessoas disseram que o tópico Libras/Surdez não esteve presente na sua formação analítica, 02 pessoas disseram que estudaram algo relacionado à Libras ou à interação com surdos a partir da Libras e 02 disseram que não, mas um outro analista havia abordado o assunto.

Gráfico 6: A gramática na formação dos colaboradores



Fonte: Elaboração dos autores, 2024

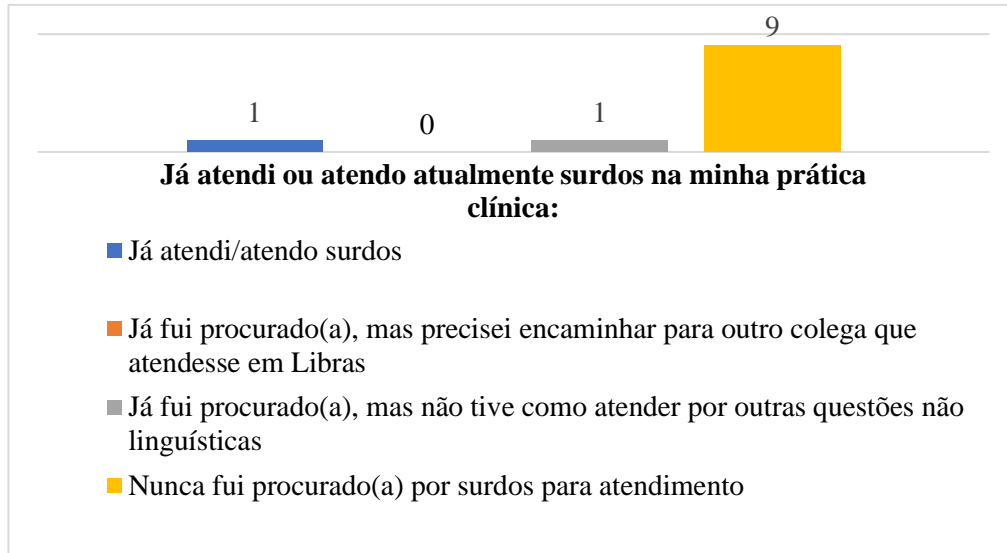
Diante da coleta e análise dessas informações, é importante o registro que a maioria das escolas formativas, no campo da psicanálise, ainda não aparentam se debruçar sobre o estudo da Libras ou da interação com surdos através da sua língua, tornando o atendimento inacessível, bem como distante de um atendimento em sua língua oficial, tornando a comunicação distante.

Ao perguntar sobre o atendimento de surdos na prática clínica, 9 entrevistados nunca foram procurados, enquanto 1 já havia sido, mas não teve como atender por outras questões não linguísticas, e apenas 1 já havia atendido surdo. A partir dessas respostas, cabe a reflexão se não houve a procura de fato ou não perceberam o espaço



como acessível para o surdo? É importante pensar essas questões, diante da (im)possibilidade de acesso do analisando ao analista.

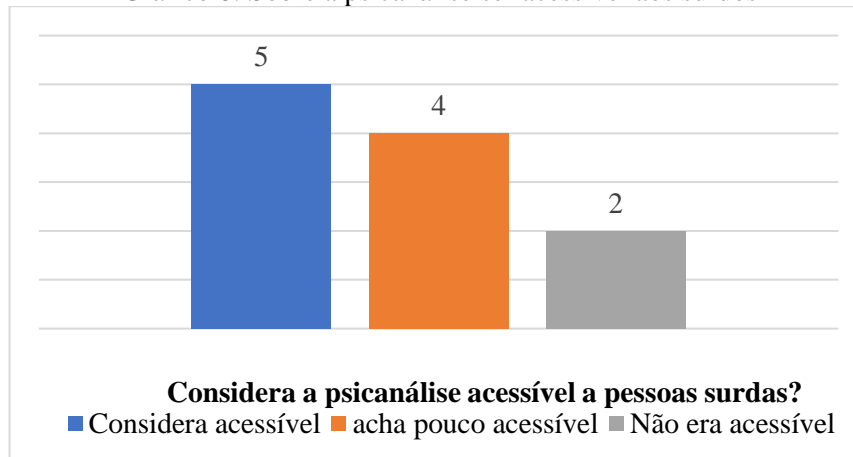
Gráfico 7: Sobre o atendimento de surdos



Fonte: Elaboração dos autores, 2024

Sobre a psicanálise ser acessível aos surdos, 05 disseram que consideram acessível, 04 acham pouco acessível e 02 responderam que não era acessível.

Gráfico 8: Sobre a psicanálise ser acessível aos surdos



Fonte: Elaboração dos autores, 2024

Cabe aqui o questionamento a qual acessibilidade se está referindo, bem como se há possibilidade de, através dos arcabouços teórico-clínicos, alcançar o material inconsciente do surdo, através do seu idioma, de maneira fidedigna, se atentando aos detalhes na sua forma de se comunicar, entendendo que a técnica da psicanálise

lacaniana se constitui na percepção da relação do sujeito com o significante (LACAN, 1998d).

Ao pedir que os entrevistados comentassem sobre a psicanálise ser acessível a pessoas surdas, alguns trouxeram que:

Nenhuma deficiência pode limitar as ações e manifestações do inconsciente (Márcia)⁹;

Sendo necessário que o profissional seja profundo conhecedor de Libras (Ednézio);

A Psicanálise como teoria e método pode sim ser acessível ao surdo (por isso parabeno a pesquisa), no entanto, como campo de atuação, atualmente não percebo como algo acessível à população surda, pela escassez de profissionais preparados para atender esta população (Mariana);

Penso que o paciente que utiliza forma outra forma de linguagem (libras) pode se assim desejar ser atravessado pelo processo analítico. Tem linguagem, tem afeto, tem dores, tem sofrimento (Carlos);

Não vejo razão para pensar o contrário. O inconsciente é estruturado como uma linguagem, conforme preconiza Jacques Lacan, logo a psicanálise é acessível a todos que se engajem a estabelecer um enlace comunicativo (Rosa);

Entendo que seja acessível, mas que poderia ser muito mais (Daniele);

Poucos habilitados para o atendimento (Luiza).

Diante dos recortes da entrevista, fica clara a importância do conhecimento do sujeito que se escuta, visto que não é possível acessar o inconsciente de uma pessoa que fala Libras através da oralidade, é como analisar um francês utilizando-se da língua portuguesa, a desconexão é elaborada neste processo e não se sabe até que ponto o entendimento da sua sinalização será entendida sem uma fluência do seu veículo de comunicação; e se todo ato falho é bem sucedido (LACAN, 1998b), ele pode ser mal interpretado.

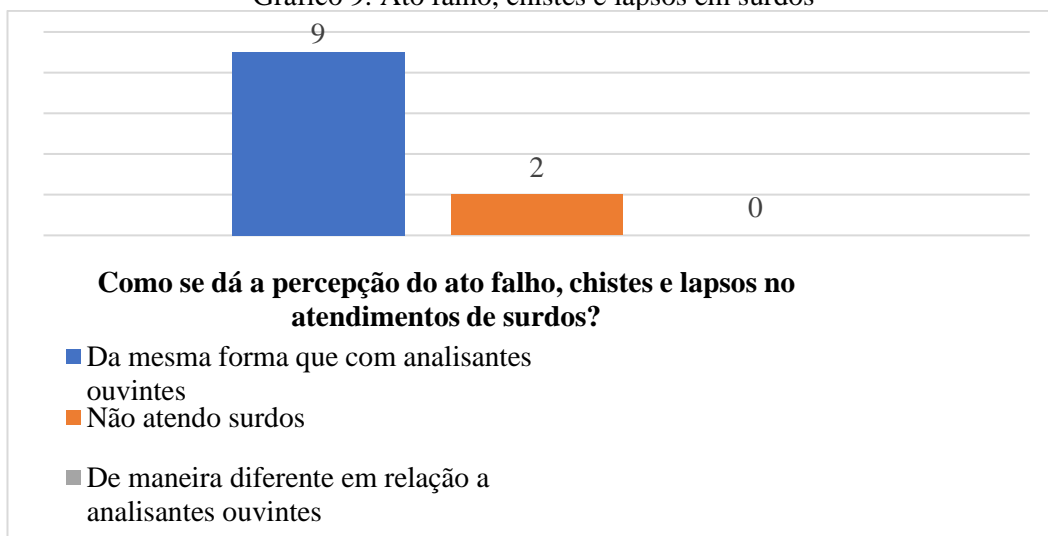
A psicanálise, como teoria e método, alcança o surdo desde que o analista saiba manejar o material de trabalho – a fala/sinal, a partir do conhecimento profundo sobre a língua do analisando, que é seu material psíquico entendido e elaborado através do contato e um entendimento verdadeiro sobre a coisa posta.

Uma análise acessível para analista e analisando acontece quando não existe barreiras de ordem linguística na comunicação, entender a cultura, especificações e individualidade do sujeito só é possível através do conhecimento de sua língua, através da comunicação. Uma das questões cruciais da clínica com surdos é a diferença entre a língua do analista e do analisante (SOLÉ, 2005; VOLTONINE, 2005).

É necessário o analista pensar em uma prévia preparação em Libras para atender um analisando surdo, entendendo os parâmetros linguísticos dessa língua de sinais como um conjunto estruturado de método de comunicação e de chegada à fonte psíquica, externalizada como afetos, dores e sofrimentos; e isso é pensar o inconsciente estruturado como linguagem (LACAN, 1998c).

A partir das respostas, fica claro um processo formativo despreparado para a recepção de um paciente surdo e a possibilidade do recurso da língua portuguesa para tentar encontrar o conteúdo inconsciente se torna impossível. Para o manejo clínico com analisantes surdos é necessário pensar em Libras e falar em Libras – através dos sinais (SOLÉ, 2005). Esse despreparo é percebido quando, em outro momento da entrevista, pergunta-se como se dá a percepção do ato falho, chistes e lapsos nos atendimentos de surdos e alguns respondem que da mesma forma com analisantes ouvintes:

Gráfico 9: Ato falho, chistes e lapsos em surdos



Fonte: Elaboração dos autores, 2024

As respostas desse gráfico não permitem que se compreenda como os analistas tratam os atos falhos, chistes e lapsos com surdos, uma vez que a maioria (10/11) não



atende surdos. Contudo, refletir a diferença de posição ocupada entre ouvintes e surdos em um divã faz com que o psicanalista entenda a individualidade do analisando que ali se encontra, pensar essa outra via de comunicação, olhando além do dicionário de sinais expressos. Voltonine (2005) reflete essa questão de ir além do que se mostra quando comenta:

É verdade que o psicanalista que trabalha com a língua de sinais não deve ficar preso ao que vê e que não pode escutar uma língua preso à tradução do seu código, mas, apesar disso, não posso deixar de pensar que, além de ser uma língua diferente da minha (analista), a língua de sinais utiliza-se de outra via para sua expressão que não a via oral e isso é uma diferença que não podemos ignorar (VOLTONINE, 1997, p.69).

Voltoline (1997) pontua que “a tradição psicanalítica. sem dúvida, está toda constituída a partir da palavra "sonorizada" (VOLTONINE, 1997, p.100). Ou seja, os grandes teóricos da psicanálise não se debruçaram sobre os analisandos que nasceram ou perderam a audição ao longo da vida, por isso a psicanálise se constrói na palavra sonorizada e é necessário pensar de maneira a reformular a teoria.

Analisar de maneira singular e diferente o analisando surdo em relação ao analisando ouvinte é de extrema importância na prática clínica, visto que é um caminho de escuta diferente e o acesso ao inconsciente acontece por trajetos distintos (SOLÉ, 2005). O divã com surdos precisa acontecer em Libras e o profissional deve conhecer e dominar a língua que esse usa, para que seus sinais não se percam no ar e a interpretação ocorra de maneira não tão assertiva.

Portanto, a maneira que o analista utiliza os conceitos da psicanálise com ouvintes, não ocorre igualmente com surdos; a percepção do ato falho, chistes e lapsos se dá através do conhecimento do analista sobre as teorias e técnicas, bem como do conhecimento da língua com a qual se comunica com seu analisante. Quando o analista sabe a língua sinalizada de seu analisante pode entender melhor a expressão do inconsciente; em outras palavras, “os ouvintes que aprendem essa língua podem tomá-la como um suplemento simbólico de receptividade e expressividade na relação com os outros” (SOLÉ, 2005, p. 36).

Retomando ainda sobre a percepção do ato falho, chistes e lapsos nos atendimentos de surdos, um dos entrevistados comenta que:

Apesar de não atender surdos, penso que a análise desta linguagem seria igual à análise da linguagem dos ouvintes, considerando suas especificidades. O processo de escuta e análise é o mesmo, na minha opinião (Mariana).

Neste momento é necessário refletir construtivamente sobre a singularidade de cada especificidade, o meio de escuta da clínica com ouvintes acontece pela fala, em relação aos surdos, através dos sinais e este caminho faz toda diferença em um processo de análise.

Ainda nos comentários:

[...]com relação à pergunta 12, a percepção de atos falsos, chistes e lapsos devem ser observados com bastante atenção por parte da analista. Percebi que quanto maior a compreensão e fluência na língua de sinais mais habilmente a pessoa estará atenta à ocorrência desses eventos e, seus manejos. A minha experiência mostrou-me isso”. Quanto maior o conhecimento do analista sobre Libras mais habilitado ele estará para reconhecer esses momentos na análise (Rosa).

Neste outro momento, a entrevistada ressalta que “nunca atendi e não me sinto preparada, preciso estudar sobre como ocorre a transferência, o manejo” (Marry). Isso pode ser interligado com a escrita da Solé (2005, p. 80) quando a autora comenta que “a transferência por parte do analista deve ser questionada através do seu interesse em aprender língua de sinais”. É importante este reconhecimento da necessidade do preparo antes do contato com o atendimento de surdos, visto que se faz necessário a fluência da língua que o analisando expressa seu sintoma para entender como ocorre a transferência do analisando, bem como acontece o manejo no divã de analisantes ouvintes.

Diante desses comentários, é perceptível que o analista reflita constantemente, sua formação enquanto caminho aberto para o entendimento do desconhecido, enxergando a singularidade de maneira pluralizada, observando a necessidade do conhecimento técnico de técnicas, que no caso de surdos, se dá, *a priori*, pela necessidade do entendimento do veículo portador da comunicação – sua língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões aqui apresentadas deixam claro que a clínica psicanalítica com surdos precisa ser pensada de maneira estruturada, com uma prática teórica que englobe a gramática na formação do analista (LACAN, 1998b; SOLÉ, 2005), entendendo as formas de manejo em um processo de escuta singular, contornando os bloqueios da comunicação auditiva e se aproximando de outras formas de “escuta” – os olhos, mas para isso é necessário que o analista amplie seu conhecimento sobre a Libras.

Os dados dos questionários deixaram claro a necessidade de conhecer de maneira profunda a Libras, seus parâmetros, sua estrutura linguística e, então, atender surdos, de forma a serem compreendidos em sua própria língua e, a partir daí, manifestarem o seu inconsciente estrutura como linguagem (LACAN, 1998c). A problemática apresentada aqui, no tocante a deficiência na falta de contato com o surdo, pode ser consequência de um processo formativo deficitário e marginalizado, quando pensado no atendimento de surdos.

Para chegar até ao inconsciente de um analisando surdo, o analista precisa de um prévio domínio de sua língua (SOLÉ, 2005) e só assim, colocar em prática a teoria com a qual desenvolve sua clínica. Assim, se a escuta através dos olhos é fundamental, a percepção de conceitos analíticos será fidedigna, a partir de um domínio sobre a forma do analisando expressar seu sintoma e a interpretação da sinalização se dará de maneira fluida através do conhecimento da Libras. No tocante à prática clínica com surdos, como dito anteriormente, é ir além do conhecimento do dicionário de sinais, é necessário conhecer à quem se escuta, quem é o “ensurdecido” na análise e outras questões que permeiam a construção de um indivíduo que se expressa de maneira singular.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da pesquisa**: monografia, dissertação, tese. São Paulo: Atlas, 2004.

DOLTO, Françoise. **Tudo é linguagem**. Tradução Luciano Machado. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.



EPFCL-BRASIL, Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil. **Fóruns**. Disponível em: <https://www.campolacaniano.com.br/foruns/>. Acesso em: 04 set. 2022.

FOCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. Tradução José Teixeira Coelho Neto. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa**. Rio de Janeiro: BUP, 1968.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: **Uma neurose infantil e Outros Trabalhos**. Edição *Stardard* das Obras Psicológicas Completas. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915). In: **A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914–1916)**. Edição *Stardard* das Obras Psicológicas Completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, Sigmund. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901)**. Edição *Stardard* das Obras Psicológicas Completas. Vol. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga (1926). In: **Um estudo autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise leiga e outros trabalhos**. Edição *Stardard* das Obras Psicológicas Completas. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

JORGE, Marco Antônio Coutinho; FERREIRA, Nádya P. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **Seminário 2: o Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **Seminário 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialético do desejo no inconsciente freudiano. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998c.

LACAN, Jacques. Situação da psicanálise e formação do psicanalista. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998d.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. 2. ed, Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. **O Seminário 15: o ato psicanalítico**. Disponível em: <http://clinicand.com/wp-content/uploads/2020/06/15-LACAN-Jacques.-O->



semin%C3%A1rio-livro-15.-O-ato-psicanal%C3%ADtico-1967-68.pdf. Acesso em: 04 set. 2022[1967-1968].

LIMA-SALLES, Maria Moreira; NAVES, Rozana Reigota (org.). **Estudos gerativos de Língua de Sinais Brasileira e de aquisição do Português (L2) por surdos**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2010.

MACHADO, Bruno Focas Vieira. **Benveniste, Lacan e a gramática de Damourette e Pichon**. Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MACIEL, Lílian Cordeiro. **Surdos ecos da história: o silêncio do tema surdo**. Orientadora: Profa. Ma. Anna Karyna Torres Côrtes. Universidade do Estado da Bahia, Conceição do Coité, 2019a.

MACIEL, Lílian Cordeiro. **Surdos ecos da história: o silêncio do tema surdo**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019b.

MACIEL, Lílian Cordeiro. **A clínica psicanalítica com surdos: uma “escuta” dos psicanalistas**. Orientador: Prof. Me. Jacson Baldoino Silva. Bacharelado em Psicologia. Faculdade da Região Sisaleira, Conceição do Coité, 2023.

SAFATLE, Vladmir. Arqueologias das sombras da Razão. *In*: FOCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. Tradução José Teixeira Coelho Neto. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVIA, Giselli Mara da. **Parâmetros da Libras**. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/dialogosdeinclusao/Parametros_da_Libras.pdf. Acesso em: 20 nov. 2022.

SOLÉ, Maria Cristina Petrucci. **O Sujeito Surdo e a Psicanálise: uma outra via de escuta**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

VOLTOLINI, Rinaldo. A palavra e os sons: um caso clínico de uma criança surda e muda. **Estilos da clínica**, São Paulo, v. 2, n. 3, p.95-102, 1997.

ZIZEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Submetido em: 04/08/2023

Aceito em: 02/02/2024

¹ Esta é uma versão ampliada do Trabalho de Conclusão de Curso da autora do texto (MACIEL, 2023), sob a orientação do coautor. Agradecemos às contribuições das professoras Ma. Áquila Thalita e Esp. Mônica Santana, que compuseram a banca examinadora.

² Esse é “O Seminário 15: o ato psicanalítico”, que não possui uma tradução oficial da Zahar, editora detentora dos direitos autorais da obra de Lacan no Brasil.

³ Língua Brasileira de Sinais. Reconhecida, através da lei 10.436/02, como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda. A partir da criação da Libras, o surdo passou a ter sua forma de comunicação reconhecida com sua comunidade e ouvintes que se interessassem em aprender outra língua, sendo que a mesma possui características de língua natural e uma estrutura gramatical própria (LIMA-SALLES; NAVES, 2010), não se assemelhando à gramática da língua portuguesa.

⁴ Temos consciência da problemática em relação à expressão *linguagem de sinais* com relação à Língua Brasileira de Sinais, pois essa não é apenas uma *linguagem*, no sentido de possibilitar qualquer interação comunicativa, mas uma *língua* com toda a estrutura que convém a um sistema linguístico (LIMA-SALLES; NAVES, 2010). Contudo, utiliza-se esse termo para construir uma intertextualidade com a expressão lacaniana *o inconsciente é estruturado como linguagem* (LACAN, 1998c).

⁵ Libras organiza-se a partir dos chamados Parâmetros das Línguas de Sinais: a configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a orientação e as expressões não-manuais (SILVA, 2022).

⁶ Apesar das experiências citadas no campo da psicologia, a inquietação se amplia com as leituras psicanalíticas durante a graduação em psicologia da pesquisadora.

⁷ Foi pedido aos colaboradores que usassem pseudônimos.

⁸ Essa questão foi de múltipla escolha, por isso o número excede a quantidade de participantes.

⁹ Como indicado, por questões éticas, pediu-se aos colaboradores que utilizassem pseudônimos no processo de identificação